



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PROBLEMATIZANDO O GÊNERO CONTO E A VOZ FEMININA AO FALAR DE AMOR EM DEZ (QUASE) AMORES DE CLÁUDIA TAJES

Flávia Kellyane Medeiros da Silva Santos

Universidade Estadual da Paraíba (flaviakellyane@hotmail.com)

Resumo: Este artigo pretende discutir e problematizar a concepção do gênero conto abordado pelo canône literário, percebendo as dissonâncias existentes entre seus parâmetros de valorização estética com a narrativa curta produzida atualmente. Com isso, observaremos como se dá a escrita literária de autoria feminina de temática amorosa no cenário atual, e como sua estrutura se vincula, ou não, às normas dadas pelo grupo do poder para se conceber o gênero conto. Para tanto, partiremos da análise do livro *Dez (quase) amores* de Cláudia Tajes, e contaremos com as contribuições teóricas de Dalcastagné (2012), Ludmer (2007), entre outros.

Palavras-Chave: Conto, Canône, voz feminina, amor.

1 INTRODUÇÃO

Entendemos que a eleição e validação de obras da literatura brasileira tem sido tarefa de um pequeno grupo, representante do cânone e de uma crítica literária predominante e mais bem reconhecida nos estudos literários. Por conseguinte, percebe-se que nesta atividade há questões obscuras quanto aos critérios estabelecidos na determinação do que deve ou não ser considerado literatura, possibilitando o entendimento de que as normas utilizadas para isso são subjetivas, levando-se em conta posições políticas e sociais dominantes. Neste contexto, o lugar do autor também determinará o espaço ocupado pela sua obra.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Deste modo, o território literário tem se estabelecido como um espaço de contestação e de disputa, regido pela relação de poder, levando a crítica literária atual a se deparar com um grande desafio que é estudar produções que não se enquadram em critérios tradicionais.

Com isso, é possível notar que muitas narrativas curtas se distanciam do conceito tradicional de conto, levando-nos a perceber a importância de problematizá-lo, entendendo a reconfiguração do gênero e a importância de ampliar as discussões teóricas em torno dele. A grande relevância deste artigo encontra-se no fato de considerar que as noções canônicas não têm dado conta dos modos de produções literárias atuais, por isso a necessidade de revisar o cânone tendo em vista noções mais amplas e não estanques, evitando a desvalorização de textos a partir de juízos excludentes, que estão voltados para os interesses de uma minoria dominante.

O objetivo principal deste trabalho é perceber como a narrativa curta se aproxima ou se distancia das noções tradicionais do conto, partindo das considerações em torno da obra *Dez (quase) amores* de Cláudia Tajes. Também tencionamos verificar como a escrita feminina constrói a temática amorosa tendo em vista o papel social da mulher contemporânea.

2 ASPECTOS TRADICIONAIS DO CONTO E SUA DISSONÂNCIA COM A ESCRITA LITERÁRIA ATUAL

Antes de esboçar uma breve análise da obra de Tajes (2009) consideremos alguns pressupostos teóricos-conceituais acerca do conto. Segundo Poe (*apud* GOTLIB, 2006), os textos breves são os mais propensos a estimular no leitor a exaltação da alma, e devem ser desenvolvidos para serem lidos de uma só vez. Assim, este escritor aponta à extensão do



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conto como critério fundamental para sua valorização, em que o autor deve criar diálogos e comentários de maneira que consiga dizer tudo em poucas palavras.

Cortázar (2006) assinala a existência de uma dificuldade para a conceituação do gênero, entretanto, considera que ele precisa explorar o acontecimento narrado de forma concisa, mas profunda. Para o estudioso o valor estético da narrativa curta encontra-se tanto na maneira em que a temática é abordada, quanto nas estratégias literárias adotadas pelo contista para atrair o leitor, ao ponto de atingir a sua memória. José Oiticica (*apud* LUCAS, 1983, p. 113) também considera que o conto deve ser entendido como aquele que é sintético, monocrônico, que dá relevo a um acidente não comum na vida.

Assim, as concepções teórico-críticas dos autores, brevemente apresentadas, procuram identificar um conceito do conto, definindo-o e apontando elementos para sua valorização enquanto gênero literário. Notamos que esses teóricos apresentam indícios que determinam para a forma do gênero como narrativa curta, mas que exige um certo grau de criatividade por parte do contista que deve saber articular o texto para chamar a atenção do leitor, atingindo-o. Assim, observando tais noções teóricas, ao analisar a forma de contos literários contemporâneos, surge uma questão: os contos produzidos na contemporaneidade da literatura brasileira atende aos requisitos do bom conto apontado até então pela teoria? Para refletir sobre isso, tomamos como objeto de análise os textos breves da obra *Dez (quase) amores* de Cláudia Tajés que demonstram estar desarticulados da concepção tradicional do gênero.

O livro é formado por dez contos e narra a trajetória da personagem Maria Ana durante seus relacionamentos amorosos. As narrativas que constituem a obra possuem o mesmo título, sendo enumeradas pelo número de namorados que teve a personagem. Contudo, percebemos que nenhum conto se enquadra ao conceito tradicional do gênero, trata-se de narrativas curtas, mas sua extensão não condiz com a determinada pelos críticos literários citados anteriormente, podendo ser denominadas de microcontos. Outro fator dissonante é com relação a linguagem utilizada, que é caracterizada pelo uso cotidiano e informal da



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

língua, em que a narradora conta seus desafetos de modo simples, claro, objetivo, sem nenhum rebuscamento linguístico, fator que não corresponde ao grau de complexidade e trabalho sobre a linguagem atribuído pela tradição na constituição do conto. Isso acaba contribuindo para uma leitura leve e descomplicada, em que qualquer leitor consegue entender e até se perceber dentro da narrativa.

O fato de os textos poderem possivelmente levar o leitor a se identificar com o conteúdo é que ele trata de questões reais, ou seja, vemos a ficção correspondendo com a realidade. Sobre isso, muitas concepções clássicas do conto determinam que a temática tratada nele deve se distanciar de um dado real da vida, e é o que não percebemos em muitas produções curtas existentes na contemporaneidade. A leveza, a simplicidade de estilo, a cotidianidade, o tom de conversa fiada, a espontaneidade do cronista, o humor e uma certa poesia são os traços comumente associados à crônica e aparentemente aceitos por estudiosos do assunto. Contudo, percebemos tais traços nos contos de *Dez (quase) amores*, fazendo-nos a notar uma certa hibridez dos gêneros na obra.

Aliás, é justamente a hibridez textual tem marcado a produção literária atual, pois além da obra de Tajés (2009) apresentar traços da crônica também mostra características de um romance. Segundo Soares (2007),

ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo (p. 54).

Todavia, *Dez (quase) amores* tomado como um todo não trata-se apenas de um simples flagrante, de um único episódio representativo, características atribuídas ao conto. São narrativas curtas que englobam toda uma trama que envolvem dez relacionamentos amorosos vividos pela personagem principal, e com isso, percebemos a ligação da obra com a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estrutura de um romance, pela presença de vários personagens, extensão e complexidade do assunto, que apesar de serem tratados de forma separada se interligam, afinal, fazem parte de uma mesma história, de um mesmo núcleo narrativo, a vida amorosa de Maria Ana. Então, nos deparamos com um fenômeno bem comum nas produções contemporânea que é a hibridez dos gêneros, em que na obra de Tajés (2009) apresenta-se como contos-crônica-romance.

Portanto, as narrativas curtas da autora não parecem seguir nenhum modelo literário específico, e isso faz com que assinalemos a necessidade de problematizar o cânone para que haja sua ampliação, trazendo obras que representam a diversidade literária, tornando-o mais democrático, longe de preconceitos e juízos obscuros que buscam determinar o que é ou não literatura.

3 A TEMÁTICA DO AMOR NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

Dez (quase) amores é dividido em dez narrativas curtas que abordam a história amorosa de Maria Ana. Em lugar do grande amor, ela narra, sem chorar e sem ameaçar cortar os pulsos, como se convencionou traçar a reação feminina, os seus sucessivos e fracassados relacionamentos. De fato, como bem diz a cronista Martha Medeiros na apresentação do livro, Maria Ana “também sonha com o príncipe encantado, mas não é fanática por contos de fadas: enquanto não pinta o homem certo, ela vai se divertindo com os errados”. Em sua busca do amor, que não se confunde necessariamente com a busca do par ideal, a personagem perpassa vários estereótipos do relacionamento amoroso, sem que eles consigam responder satisfatoriamente a sua demanda. É o amor visto pelo lado feminino, sem água e sem açúcar, mas com a malícia que um retrato da mulher livre contemporânea requer.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Maria Ana inicia sua trajetória amorosa ainda na 5.^a série com colega que lhe oferta beijos em um saco de papel, mas que também namora, simultaneamente, outras garotas. Desse início passa para Bejair, do primeiro beijo no cinema; Reginaldo, o estudante profissional e esquerdista com quem faz sexo pela primeira vez; Henrique, o pintor, e seu amigo Augusto; Tarugo, o estudante de educação física, e Roger Moreira, o vizinho casado; Bernardo Antônio, o nobre afro-brasileiro carioca e burocrata em Brasília; Nelson que divide com três outras namoradas fixas além das eventuais; Luiz, o Papai Noel do shopping *center*; André Araújo, o colega jornalista de São Paulo e casado; Eduardo Suki, o médico japonês; e Machadov, o mágico do circo que é iguslavo-goiano. Ao final da narrativa contabilizam-se quase dez amores e vários desencontros.

Nota-se na obra de Tajés (2009) que cada narrativa curta que a compõe conta a história desses dez relacionamentos da personagem como experiências amorosas, e não necessariamente como um amor impossível, como se observa nos romances alencarianos. Vemos que a tendência das personagens femininas do Romantismo do século XIX era elevar o amor ao seu último grau de exaltação ao ponto de desmaiarem, suspirar, chorar e até morrer diante da impossibilidade do amor. Maria Ana se difere desse tipo romântico de personagem, o amor entre ela e os dez homens que passaram em sua vida se resumem a experiências, que por mais mal resolvidas que sejam não levaram ao desabamento da mulher, mas sim a sua elevação como ser humano. Tanto que as narrativas curtas encerram-se com um “Fim”, ou seja, quando os seus relacionamentos acabavam se encerravam mesmo, tornavam-se passado, e Maria Ana segue em frente na sua vida, continua em busca de alguém que possa ter uma nova experiência amorosa.

O que poderia ser tido como trágico nos amores de Maria Ana ela transforma-o em algo cotidiano e aparentemente normal, tanto que ao narrar suas experiências não faz de modo melancólico e sofrido, mas com certo humor e comicidade. Ela não se vitimiza, e sim aprende com cada experiência e decide sobre seu próprio destino. Não demonstra estar preocupada se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vai encontrar ou não o par perfeito, a narradora só quer viver a vida da melhor maneira, sozinha ou com alguém que lhe dê novas experiências.

As narrativas curtas de *Dez (quase) amores* não demonstram querer certa seriedade, muito menos gravidade e heroísmo nos amores fracassados de Maria Ana. Ao contrário, é justamente a cotidianidade das situações, o lugar comum, daquilo que pode acontecer com qualquer um, que pode possibilitar a identificação por parte do leitor. O namoro no acampamento de verão em uma praia da moda, a paixão pelo vizinho casado, a atração pelo novo colega de trabalho, o namoro à distância e a surpresa que é viajar ao encontro do outro sem avisar são alguns dos relacionamentos de Maria Ana que repetem o padrão de mil outras histórias iguais de amores, que têm tudo para dar errado e dão. E a narradora nos conta todos eles sem moralismos e sem justificativas, afinal as histórias, como muitos dos amores da personagem, aparentam ter o honesto propósito de divertir. Maria Ana acaba sendo um retrato da mulher contemporânea, que têm domínio sobre sua vida, fazendo suas próprias escolhas; que pode transformar algo aparentemente trágico em alguma coisa que futuramente será lembrada com bom humor.

Neste sentido vemos uma voz feminina que fala no lugar do outro, que representa diversas condições de grupos sociais que foram silenciados e até mesmo concebidos a partir de critérios puramente masculinos, como é o caso da representação da mulher na literatura ao longo dos tempos. Por muito tempo a mulher foi silenciada na sociedade, e na literatura não seria diferente. Partindo da voz feminina que se expressa na obra de Tajés (2009), vemos que a sua maneira de se expor contraria regras tradicionais referente ao valor literário. Afinal, o que tem predominado sobre a definição de literatura é o que um pequeno grupo dominante circunscreve a respeito dela, onde só uns modos de manifestação de alguns grupos, não de outros, serão aceitos como literários. Ou seja, são vozes que tem surgido atualmente na literatura que provocam os critérios de legitimidades estabelecidos pela crítica, e esse pode ser



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um momento proveitoso para se pensar/repensar seus conceitos e práticas (DALCASTAGNÉ, 2012).

Ludmer (2007) aponta que grande parte das escritas atuais possuem o formato livro, conservam a figura do autor e se auto intitulam como literatura, mas não se encaixam em nenhum padrão estabelecido pelos critérios literários mais reconhecidos. Então, para a estudiosa essas escritas atuais “são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade” (*ibidem*, p. 01). Digamos que *Dez* (quase) amores não se destoa dessa realidade, pois demonstra não seguir nenhum modelo literário específico, ao mesmo tempo que se enquadra naquilo que a mulher contemporânea tem vivido na sociedade, que apesar dos poucos avanços, a sua voz tem se feito ecoar de modo a produzir um discurso legítimo sobre si.

PALAVRAS FINAIS

Diante a discussão realizada, entende-se que é com a problematização da escrita literária e sua ampliação para grupos outrora marginalizados (negros, mulheres, pobres, etc.) que o campo literário será visto como diverso e um lugar de igualdade, em que todos têm direito a voz. Querer falar de si e de seu lugar no mundo é uma marca dessa literatura contemporânea que se define pelo pertencimento a um território ou grupo. A discussão em torno do conceito do gênero conto acaba nos levando a um caminho de encontros e desencontros com a tradição literária, que nos leva a pensar sobre a importância de se repensar os caminhos percorridos pela crítica literária, quando esta estabelece critérios de valor em torno de uma obra ou gênero literário puramente excludentes, tendo em vista os modos de produção que se circunscreve na contemporaneidade.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dez (quase) amores e seu estilo comprovam bem a realidade da produção literária contemporânea, tendo em vista narrativas curtas híbridas e fluidas, e uma narradora que representa uma voz destoante dos costumeiros olhares e conceitos. Uma voz que corresponde a vivência da mulher contemporânea que fala de suas frustrações amorosas de um lugar comum, e não através de uma voz masculina com interesses voltados para este grupo. Entretanto, é importante sinalizar que o propósito desse estudo não é estabelecer que a escrita feminina somente abrange questões de relacionamentos amorosos, na verdade vemos que este critério já está ultrapassado, pois temos grandes exemplos de autoras que demonstram que uma escrita literária que abarca todos os setores e temas que a literatura pode explorar, podemos citar escritoras modernas como Clarice Lispector, e contemporâneas Ana Miranda, Patrícia Melo, assim como, as africanas Chimamanda Ngozi e Paulina Chiziane. Posto isto, o que vemos na obra de Tajés (2009) é que a temática amorosa é tratada de um modo diferenciado do que se convencionou a respeito do tratamento feminino ante as decepções amorosas, colocando a mulher como ser que sabe se posicionar nesse tipo de situação, não sendo um objeto de pura satisfação masculina.

Ao fim, fica posto que para entendermos melhor as produções atuais é preciso ampliar e provocar práticas canônicas e tradicionais da literatura, e deste modo, daremos lugar a vozes que representam lutas sociais e as mudanças que elas podem causar. Portanto, entendemos o grande desafio que se coloca a frente do pesquisador de literatura ao buscar ultrapassar barreiras conceituais pioneiras e que ainda vigoram estabelecendo o que é ou não literatura, e quem pode bem representá-la. No entanto, reconhecemos que ler a contrapelo as concepções que nos trazem segurança significa dar-se a chance de encontrar caminhos que ainda não foram explorados, buscando resolver algumas inquietações e lacunas que se estabeleceram na crítica sobre a produção literária brasileira contemporânea, além de reconhecer na literatura um espaço de diversidade e reflexões sobre a condição humana.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BIBLIOGRAFIA

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LUCAS, Fábio; GALVÃO, Walnice Nogueira e LIMA, Luiz Costa. Conto. In: *O Livro do Seminário – ensaios. Bienal Nestlé de literatura Brasileira*, São Paulo: LR Editores Ltda, 1983, p. 104-218.

LUDMER, Josefina. *Literaturas Pós-autônomas*. Cultura e barbárie: Sopro. Desterro, 2010.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SOARES, Angélica. O conto. In: *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2007.

TAJES, Cláudia. *Dez (quase) amores*. Porto Alegre: L&PM, 2009.



**XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES**